



Iasmin Mendes * Antonio Simões

Nathália Aguiar * Eva Leite

(Organizadores)

ALÔ,

CAMPINA GRANDE!

**RIQUEZA E DIVERSIDADE
CULTURAL NA RAINHA
DA BORBOREMA**

 eduepb





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^ª. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^ª. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Iasmin Mendes * Antonio Simões

Nathália Aguiar * Eva Leite

(Organizadores)

ALÔ, CAMPINA GRANDE!

**RIQUEZA E DIVERSIDADE CULTURAL
NA RAINHA DA BORBOREMA**



Campina Grande - PB | 2024

Expediente EDUEPB***Design Gráfico e Editoração***

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

A453 Alô, Campina Grande! [recurso eletrônico] : riqueza e diversidade cultural na Rainha da Borborema / organização de Iasmin Mendes ... [et al.] ; prefácio de Nathália Aguiar ; apresentação de Iasmin Mendes – Campina Grande : EDUEPB, 2024.
63 p. : il. color. ; 15 x 21.

ISBN: 978-65-87171-61-6 (Impresso)

ISBN: 978-65-87171-55-5 (12.000 KB - PDF)

1. Cultura Popular - Campina Grande/PB. 2. Tradições Populares. 3. Danças Folclóricas. 4. Ofício Ancestral - Artesanato. 5. Manifestações Populares. I. Mendes, Iasmin. II. Simões, Antonio. III. Aguiar, Nathália. IV. Leite, Eva. V. Título.

21. ed. CDD 306.4

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Rafael Freitas de Lima - CRB - 15/1021

Copyright © **EDUEPB**

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos especiais à Editora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e à Escola ECI Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, pela colaboração e apoio essenciais para a realização deste livro.



PREFÁCIO

Nathália Aguiar

(Líder do Desafio Anti-horário)

Cerca de três anos atrás, quando me tornei integrante da equipe Anti-horário, eu já sonhava com o momento que você, leitor, estaria segurando este livro. Não acredito que tenha sido por acaso que, naquele tempo, outras prioridades apareceram e puseram de lado esta ideia. Hoje, mais consciente da grande responsabilidade que é capacitar estudantes do Ensino Básico para que eles possam se enxergar como protagonistas de suas próprias histórias, tendo trilhado mais passos dentro do Jornalismo e do Desafio Anti-horário¹, tenho o prazer de escrever este prefácio, como último ato prático enquanto uma das cabeças que fazem o projeto Repórter Literário, lindamente, acontecer.

¹ Projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), coordenado pelo professor Antonio Simões Menezes, que tem como um dos seus objetivos principais capacitar estudantes de escolas públicas da Paraíba para produção de conteúdos midiáticos que, ao mesmo tempo que registram e dão visibilidade aos mais diversos tipos de soluções, também estimulam uma cultura de protagonismo social na comunidade estudantil.



Sou grata e feliz em dizer, também, que não sonhei sozinha. O Jornalismo, assim como a vida, é feita de encontros; e é neles que se realiza as mais diversas obras, às vezes literária, como esta, outras, audiovisuais e teatrais, e até mesmo aquelas em que o corpo é comandado pelo compasso da música, como você poderá encontrar ao percorrer estas páginas. Todas, lhe digo, foram sonhadas pelos seus realizadores - e só assim foram possíveis.

Estas histórias, tão singulares, esbarraram - não por coincidência - com as dos nossos autores, que puderam, envolvidos no processo de produção dos textos, conhecer, além da mágica cultura que abraça Campina Grande, alguns dos rostos que tornam isto possível. Espero que, ao apurar e escrever as histórias destas manifestações culturais, eles - os autores - tenham se sentido inspirados para continuarem escrevendo as suas próprias narrativas, cientes de que são protagonistas delas e capazes de realizar tudo aquilo que, do fundo do coração, desejam.

A intenção deste livro-reportagem é fornecer não apenas alguns nomes e trajetórias de movimentos culturais que permeiam e constroem a cidade de Campina Grande, mas também engajar os estudantes da Escola Álvaro Gaudêncio e os demais atingidos por este material, seja ele produtor ou leitor, a conhecer e apoiar aqueles que estão fora do Palco Principal do Parque do Povo. Isto porque, como uma das nossas escritoras sabiamente afirmou, a cultura campinense e nordestina vai além do São João. A nossa cultura é construída em palco, mas também nas ruas, em escolas, galpões e terreiros. Perceber isto é importante e inadiável para a nossa identidade cultural.



É conhecendo e admirando estes projetos, também, que nos inspiramos para idealizar outros grupos instrutivos, ampliando cada vez mais as possibilidades que só a arte e o conhecimento proporcionam.

Portanto, caro leitor, tenho um único pedido para fazer antes que inicie a leitura deste livro: sonhe conosco, pois cada página que você virar será um convite e uma chance para refletir sobre o poder transformador que só aquele que deseja algo profundamente pode sentir. E sobre como grandes mudanças nascem de pequenas faíscas de esperança. Afinal, é isto que move o mundo, que constroi pontes entre o hoje e o amanhã. Que esta obra seja uma semente para que você possa alimentar os seus próprios sonhos. E, quem sabe, sonhando juntos, possamos construir algo ainda maior.

Boa leitura!



APRESENTAÇÃO

Repórteres Literários: protagonistas da “manhã desejada”

Iasmin Mendes

(Idealizadora da FLIC)

“Eu acredito é na rapaziada!”. É sempre com a esperança e festividade do verso de Gonzaguinha que a FLIC, institucionalmente, e eu, pessoalmente, participo do Projeto Repórter Literário.

Quando, em 2018, contamos, na I Feira Literária - ainda não Internacional - de Campina Grande (FLIC), com uma oficina do Projeto Anti-horário, percebemos com facilidade que aquilo precisava se tornar uma parceria maior. O Projeto Repórter Literário surgiu em 2019, desta parceria: de um lado, a FLIC, Feira Literária que tem como objetivo contribuir para a formação de leitores na cidade de Campina Grande, e do outro o Anti-horário, projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universi-



dade Estadual da Paraíba, coordenado pelo professor Antonio Simões, que tem como objetivo compartilhar notícias com foco em soluções para os problemas sociais. O Anti-horário dissemina a escrita de histórias inspiradoras e a FLIC dissemina sua leitura, é um casamento perfeito.

Desta união, desde 2019, 133 alunos de 6 turmas, 4 professores de 6 escolas, já tiveram a oportunidade de, conduzidos pelos estudantes de Jornalismo, desenvolver diversos materiais e conteúdos, a saber: notícias, entrevistas, mostra fotográfica, podcast e agora um livro de reportagens.

Talvez o maior dos destaques deste projeto é o protagonismo, de um lado, dos estudantes do curso de Jornalismo, que conduzem todo o processo e, do outro, ainda maior, dos alunos do Ensino Básico, que propriamente desenvolvem todo o trabalho. Ter em mãos esse livro de reportagens é celebrar esse protagonismo e todo o processo democrático e criativo que levou até essa produção. Ademais, poder levar este material para que outras pessoas conheçam e leiam é reconhecer a potência de tudo que foi desenvolvido.

Tenho certeza que as sementes plantadas neste projeto na Escola Álvaro Gaudêncio terá frutos que perpassam os muros da escola, mas que tem nela um referencial importante. Já vimos isso acontecer ao longo destes 6 anos de Repórter Literário: alunos que se tornam voluntários da FLIC ou que optam por cursar Jornalismo. Histórias que ficamos felizes quando conseguimos acompanhar, mas que sabemos que extrapolam também os nossos olhos, pois se fazem nos corações e caminhos de muitos estudantes.



O fato é que começa ali, na escola, e, por isso, agradecemos com tanta sinceridade aos professores que abraçam o projeto, dedicando-o aos seus alunos. A professora Solange Araújo abriu a porta da sua sala para acolher o Repórter Literário e se mostrou indispensável no desenvolvimento do projeto. Contou com o apoio de outros professores e funcionários da escola, aos quais também agradeço aqui. A potência desses profissionais já vem sendo acompanhada por mim, desde que fui convidada pela escola a participar da inauguração do Terraço da Leitura, que virou, inclusive, uma das reportagens desse livro.

As outras reportagens nos trazem outras experiências culturais de Campina Grande, que precisam ser conhecidas e disseminadas. Pelo menos dois processos positivos surgiram da escrita deste material: o fato de que os estudantes do 1º ano C passaram a conhecer iniciativas - ou, quando já conheciam, tivessem o interesse de escrever sobre tais - como o Museu de Arte Popular da Paraíba, as quadrilhas infantis, a Vila do Artesão, o Cinema de Bairro, o Grupo de Dança Caetés e, o segundo, que a partir dos seus textos outras pessoas possam conhecer tais atividades. Uma cidade que conhece sua Cultura e sua História se desenvolve com mais criticidade e cidadania.

Finalizo citando mais uma vez o poeta Gonzaguinha, pois acredito que ele traduz bem o que este livro e o Projeto Repórter Literário representam quando fala de “ir à luta com essa juventude”, na esperança de construir a “manhã desejada”. A manhã já brilha e o protagonismo dos jovens é a luz que a ilumina.





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 14

Solange Araújo

**ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E REFÚGIO
TRANSFORMA A LEITURA EM HOBBY**.....17

Ana Júlia Pereira

Isabella Soares

Maria Helloisa da Silva

**QUADRILHA JUNINA É ALIADA
DA SAÚDE MENTAL**.....21

Eduardo José

Daniel Alexandre

Maria Yasmim Oriente

**VILA DO ARTESÃO PROMOVE NOSSA
CULTURA O ANO INTEIRO**.....27

Lara Santos

Mariana Miranda

Maria Paula Alves

**UMA FEIRA ESPECIAL PARA
CAMPINA GRANDE**.....36

Kaio Lopes

Vinícius Rodrigues

Wesley Lima



ARTE E RESISTÊNCIA.....41

Amélia Dominik

Bárbara Matos

Maria Clara Rodrigues

O LEGADO DO CINEMA DE BAIRRO.....45

Emilly Diniz

Flavia Amanda

Hélton Vinícius

**O MUSEU QUE CONQUISTA
MENTES E CORAÇÕES.....49**

Raquel Santos

Hiorrany Barbosa

Maria Eduarda Gomes

Pedro Nóbrega

**GRUPO DE DANÇA CAETÉS É GUARDIÃO
DA NOSSA CULTURA.....56**

Renan Silva

José Guilherme de Souza

Rafael Silva Farias

POSFÁCIO.....60

Antonio Simões

INTRODUÇÃO

Um legado de aprendizado, respeito e cuidado

Solange Araújo

*(Professora da ECI Deputado Álvaro
Gaudêncio de Queiroz)*

Sempre desejei uma educação que transforme, que ultrapasse os muros da escola, aquela que faça a diferença na sociedade, principalmente na comunidade em que está inserida.

O Projeto Repórter Literário foi um diferencial na vida dos nossos alunos por proporcionar o envolvimento da turma através da cooperação e da solidariedade, dando-lhes a oportunidade de conhecer histórias de vida, de superação e da necessidade que o indivíduo tem de se adaptar ao meio social e, a partir disso, buscar melhores condições de vida.

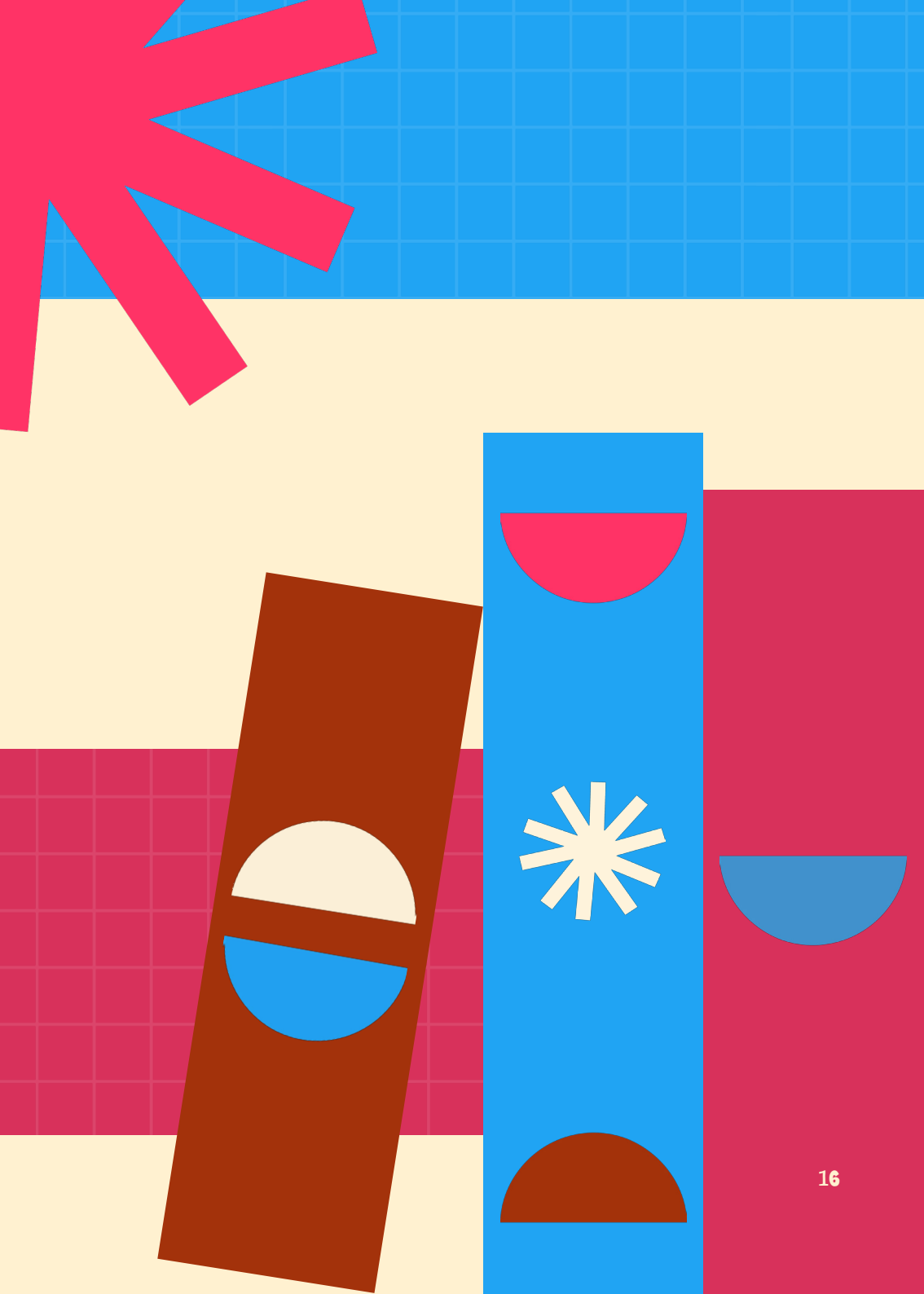


Nossos estudantes puderam conhecer espaços da nossa cidade com os quais não tinham contato antes. Através da visitação a esses ambientes, fazemos uma viagem no tempo, despertando emoções devido à grandiosidade de sua beleza, seja no artesanato, na dança, nas xilogravuras, nas exposições dos museus, nas feiras livres; algo que precisa ser preservado e mantido para que outras gerações possam também desfrutar dessa nossa vasta cultura.

O envolvimento de todos no projeto foi muito importante; são histórias de vida que ficarão guardadas em suas memórias. O conhecimento adquirido através das entrevistas com a comunidade aproxima as pessoas, pois são histórias de muita garra, de luta pela manutenção da nossa cultura e dos espaços que respiram arte. A beleza de cada objeto, o cuidado que os artesãos têm na confecção de cada peça, a delicadeza nos detalhes encantam, mas muitas vezes não são valorizados e divulgados. Poucos têm a oportunidade de conhecer.

Portanto, que esse legado de aprendizado, respeito e cuidado com o que é nosso, possíveis pelas experiências fornecidas pelo projeto Repórter Literário, permaneça não apenas na memória dos estudantes, mas também em seus corações.





ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E REFÚGIO TRANSFORMA A LEITURA EM HOBBY

*Ana Júlia Pereira
Isabella Soares
Maria Helloisa da Silva*

O Terraço da Leitura é um projeto que cria espaços agradáveis e acolhedores voltados para a educação e socialização, proporcionando às crianças e adolescentes um contato direto e frequente com livros. O projeto, localizado no Colégio Álvaro Gaudêncio de Queiroz, em Campina Grande, Paraíba, foi fundado por Tiago Limeira, Franci Izabelle e Franklin Robson, professores da Instituição, em 15 de março de 2024, com o objetivo de estimular o hábito e o gosto pela leitura, além de impulsionar a alfabetização.

De extrema importância para o desenvolvimento do estudante dentro da comunidade escolar, a literatura atravessa os muros do aprendizado técnico, tendo diversos benefícios para a vida pessoal. O projeto é um incentivo, portanto, para que os jovens adotem a leitura como hobby, uma forma de relaxar e aproveitar o tempo livre, oferecendo, ao mesmo tempo, a melhoria na alfabetização, na fala e no vocabulário; sendo de grande importância para o desenvolvimento de crianças e jovens.

Segundo Tiago Limeira, um dos idealizadores do projeto, o que o incentivou a criar o Terraço da Leitura foi poder dar a oportunidade para que seus alunos conhecessem a literatura da mesma forma que ele a conhece - com amor. “Eu gosto de livros, a leitura me ajudou a ter um conhecimento maior sobre o mundo e queria que meus alunos tivessem acesso a isso e que desenvolvessem essa afeição também. Uma forma legal de fazer isso foi criando o Terraço”, comentou o professor. Tiago explicou que conheceu os livros também sendo incentivado por um dos seus educadores, na 4ª série, e por isso entende a importância do estímulo ao hábito da leitura por parte dos professores: “A professora emprestava seus livros, gibis, e deixava que a gente escolhesse qual queríamos ler. Primeiro eu lia por obrigação, mas depois se tornou prazer”, afirmou.

O projeto, apesar de recente, já tem conquistado alguns novos leitores. Para o professor Tiago, o espaço é extremamente válido, afinal, sabemos que a literatura, infelizmente, não é acessível para todos, e o Terraço consegue suprir um pouco dessa falta: “Várias vezes eu vi alguns alunos no horário de intervalos pegando algum livro e lendo. Às vezes, terminavam no mesmo dia. Então, acho que pouco a pouco o local está influenciando positivamente na vida deles”, comentou.

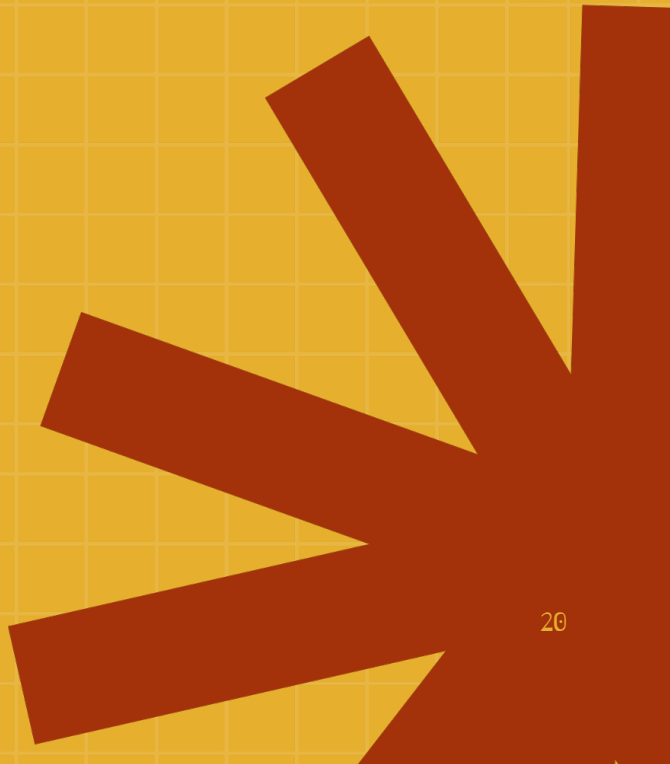
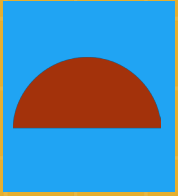
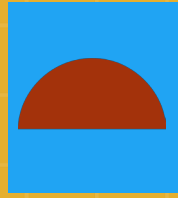
A aluna da Instituição, Isabelle Linhares, do 3º ano, concorda com a afirmação do professor Tiago. Para ela, o espaço foi uma oportunidade para ter acesso à literatura: “Eu gosto de ler e gostei muito da criação do espaço, pois não são todos os alunos que têm acesso a livros, por que, querendo ou não, é algo

que está com um valor cada vez mais alto, devido à desvalorização da leitura, então o projeto dá este apoio aos alunos”, concluiu.

O Terraço da Leitura tem registrado avanços, apesar do curto tempo de atuação. Podemos destacar a parceria com a Feira Literária de Campina Grande (FLIC), que é crucial para a diversidade de literaturas disponíveis no espaço, além do impacto significativo na vida dos alunos.

Embora importante, ele ainda não é suficientemente valorizado pelos adolescentes, em grande parte devido à falta de interesse e à desvalorização, fazendo com que um recurso tão valioso e essencial seja deixado de lado. Alguns dos estudantes explicam a falta de uso do espaço pela falta de diversidade nos gêneros literários disponíveis, uma limitação do espaço. Para a aluna Raquel Ferreira, temas mais atuais seriam mais requisitados: “Acredito que clássicos também sejam essenciais para uma leitura mais revigorada e para se aprofundar no vocabulário português, mas se estamos falando de uma leitura voluntária, de boa vontade e apenas por distração, livros mais atuais chamariam mais a nossa atenção”, explicou. A estudante Emilly Andrade também apoia a fala da colega. Para ela, o Terraço seria mais atrativo caso também estivessem disponíveis títulos de fantasia, romances e suspense.

Apesar das limitações, o Terraço da Leitura tem se apresentado como um espaço de enriquecimento. Espera-se, portanto, que com o passar do tempo e o fortalecimento do projeto, ele passe a atrair mais leitores por ser um local de refúgio, acolhimento e aprendizado.



QUADRILHA JUNINA É ALIADA DA SAÚDE MENTAL

***Eduardo José
Daniel Alexandre
Maria Yasmim Oriente***

É necessária a preocupação com a preservação da cultura para as próximas gerações, tendo em vista que ela – a cultura – influencia em diversas áreas do cotidiano, e é a partir dela que construímos identidade e a noção de pertencimento. Felizmente, algumas organizações são elaboradas para resgatar e fortalecer entre os indivíduos esses ideais. É o caso da quadrilha “Arraiá do Padre”, da Escola Padre Antonino, localizada em Campina Grande, Paraíba.

Na Região Nordeste do País, as manifestações culturais estão fortemente ligadas, também, ao mês de junho, quando comemora-se o São João. Durante todo o período junino, bandeirolas decoram as ruas, comidas típicas são preparadas, o forró e as quadrilhas entregam arte e história em forma de música e dança.

Seja nas ruas, no Maior São João do Mundo ou nas escolas, as quadrilhas são organizadas com o objetivo de resgatar tradições, valorizar a cultura popular e fortalecer o sentimento de pertencimento, tão importante na criação do indivíduo. Assim

também aconteceu na criação da quadrilha da escola Padre Antonino, em 2024, para a participação do concurso de quadrilhas infantis. Segundo o professor Lenaldo da Silva, mais conhecido no ambiente escolar por “Naldo”, coordenador das atividades, apesar de há anos a quadrilha ser montada para apresentações internas, apenas em 2024 foi estruturada com o intuito de concorrer a um concurso.

A quadrilha, que tem como objetivo a manutenção e a garantia da permanência da nossa cultura, teve a escolha do seu nome um tanto quanto “cômica”. Nada, na verdade, foi escolhido ou oficializado. Ao longo dos encontros e ensaios, os estudantes sempre falavam “Arraiá do Padre”, fazendo referência ao nome da escola - Padre Antonino -, e acabou ficando por isso. Para Naldo, falar sobre a Arraiá do Padre “é falar de alegria, experiência, superação, colaboração e muito aprendizado”. Além de uma manifestação cultural, o grupo se tornou uma manifestação do que a cultura pode fazer por um grupo - unir, colaborar mutuamente, (re)conhecer a si mesmo e se enxergar no outro.

Sendo assim, a quadrilha atua na vida dos estudantes em duas vertentes. Segundo o coordenador da quadrilha, pode-se visualizar os benefícios pessoais e pedagógicos: “a primeira trata da valorização da nossa cultura, da importância de manter viva a nossa tradição. Que é possível brincar, se divertir e se emocionar ao manifestar a nossa cultura. E principalmente, passar adiante o que aprendera. A segunda questão, a pessoal, trata dos objetivos que podemos alcançar na vida, das oportunidades de trabalhar com as diferenças, experimentar outros lugares. Saber que na vida vencemos e perdemos, e que

aprendemos com os dois lados. Tanto pessoalmente quanto pedagogicamente, a escola nos proporciona aprendizados que vão além da sala de aula”, explanou.

Dentro da rotina de ensaios, os integrantes fortaleceram vínculos de afetividade e laços de amizade, essenciais no crescimento pessoal. As rodas de conversa que antecede os ensaios, sobre respeito mútuo, colaboração, honestidade, empatia, autoconhecimento, além do envolvimento de toda a comunidade escolar - inclusive a família dos estudantes - deu vazão para sanar problemas de diversos tipos, como infrequência de alunos, comportamento, e rendimento nas atividades. Segundo o professor Lenaldo, até mesmo casos de adolescentes com depressão, ansiedade, falta de autoestima, encontraram na dança um refúgio para as suas angústias: “Em nossos ensaios, eu deixava claro que as estrelas eram eles, que seriam vistos, e que para brilhar bastava um passo encorajador, uma postura com um sorriso no rosto, colocar para fora o que tinham de mais bonito e especial. E que antes de serem vistos, eles precisavam enxergar o potencial que tinham”.

Portanto, nota-se que a imersão das crianças e adolescentes na cultura nordestina, além de ampliar o repertório cultural, contribui para a forma como elas se enxergam e como enxergam o outro dentro da sociedade e desenvolve o senso crítico de aceitação e consciência dentro da diversidade e das manifestações culturais e regionais, um dos maiores desafios em realizar a atividade, de acordo com o coordenador Lenaldo da Silva. “Respeitar a timidez, bem como esperar pela espontaneidade dos estudantes, apesar de importantes, não foi tarefa fá-

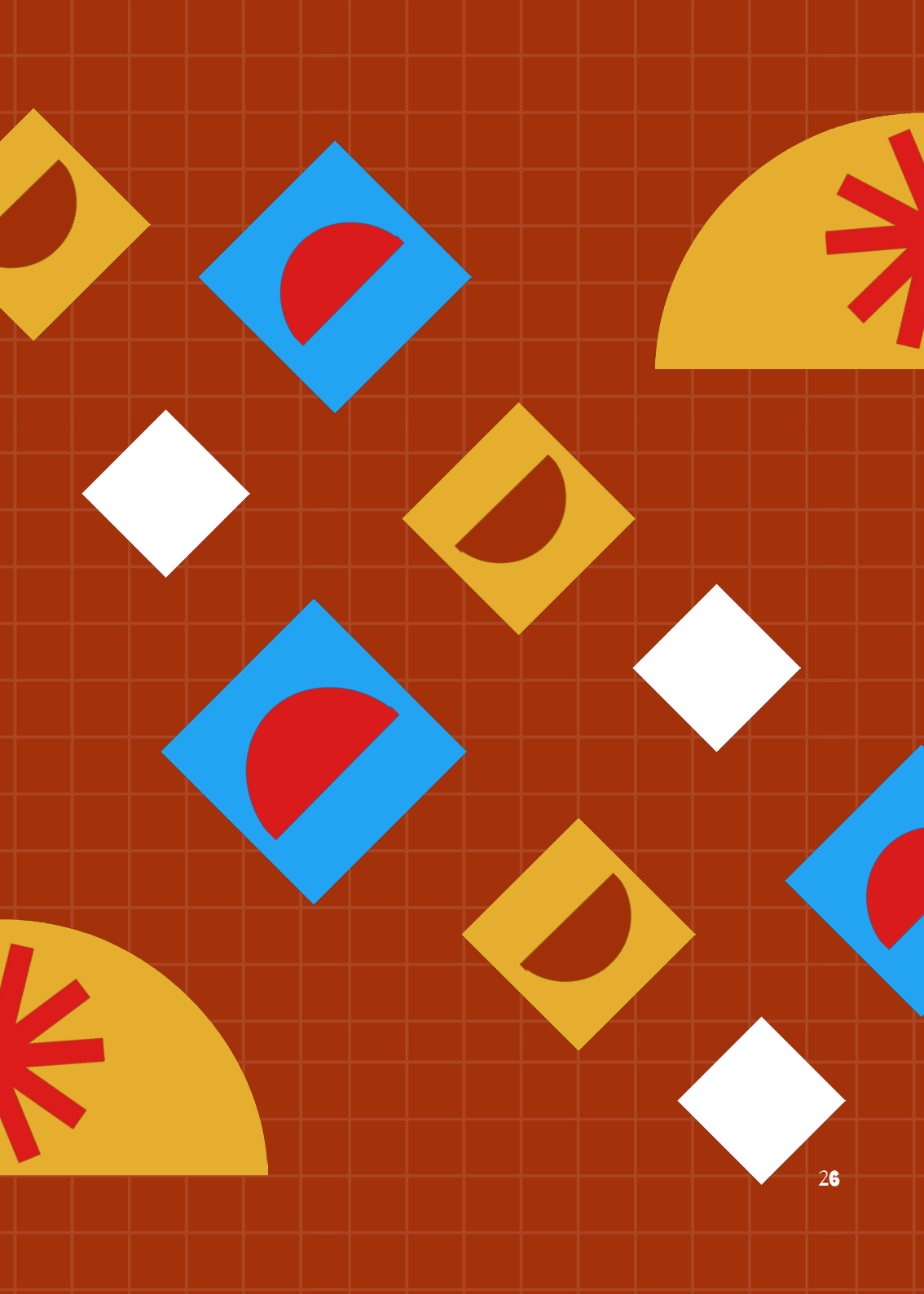
cil. Diante de um mundo de atrativos cibernéticos, práticos e de várias facetas, nossas crianças e adolescentes estão se afastando das nossas manifestações culturais. Posso afirmar que o maior desafio é fazer os estudantes visualizarem a importância de manter a quadrilha viva”, contou. Uma das soluções para que os alunos enxergassem a prática junina e a quadrilha como algo atual e interessante foi realizar alguns ensaios durante os horários das aulas. Dessa forma, muitos estudantes acabavam enxergando a importância do que estava sendo feito, aumentando o interesse em participar.

A Arraiá do Padre, como já foi explicado, teve sua estruturação apenas em 2024, com o objetivo de concorrer ao concurso de quadrilhas infantis promovido pela Secretaria de Cultura do município, ao qual saíram vencedores. Isto, claro, pelo talento e esforço dos estudantes. Mas não podemos esquecer dos passos que foram dados por toda comunidade estudantil para que eles pudessem alcançar a vitória, como a confecção de roupas e acessórios para os figurinos. De acordo com Lenaldo, a escola já dispunha de alguns trajes, mas que não se encaixavam para a proposta e número de integrantes, e com as poucas condições de financiar um figurino padronizado, alguns caminhos precisaram ser encontrados. Um deles, foi o aluguel das roupas e outro, a própria criação dos acessórios, por parte de funcionários e até mesmo ex-funcionários, sendo possível, assim, a confecção de coletes, customização de chapéus, arranjos de cabelo, entre outros. “Enquanto estudantes ensaiavam de um lado, uma equipe com máquina de costura, tintas, pinceis, agulhas, trabalhavam de outro. Todos de mãos dadas”, concluiu o professor.

Após participarem da quadrilha, diversas diferenças no desenvolvimento das crianças foram notadas pela comunidade escolar. Muitos desenvolveram um melhor rendimento em suas atividades, outros conseguiram melhorar sua timidez, e alguns casos de ansiedade e baixa autoestima conseguiram ser superados. “Em nossos plantões pedagógicos, nos encontros com pais e responsáveis, ouvimos muitos depoimentos de mudança de comportamento de alguns desses estudantes, motivo de muita satisfação e alegria”, contou o professor-coordenador.

É inegável a força de vontade e o esforço que a comunidade escolar demonstrou para que os seus estudantes pudessem se apresentar. Mas é oportuno dizer, também, que as manifestações culturais deveriam ter caminhos mais práticos para serem desenvolvidas; há a necessidade de que, além de editais para concursos em épocas específicas, seja direcionada verba para manutenção das atividades ao longo do ano. Certamente, a escola encontrou caminhos que os deram a oportunidade de integrar o concurso, mas quantas outras não tiveram a mesma sorte?

Que a quadrilha Arraiá do Padre e as demais espalhadas por Campina Grande e pela Região Nordeste, brilhanterem o nosso São João e nossas vidas com suas cores e coreografias. Sigamos firme com a esperança de que o amor e a tradição manifestem nossa cultura nos palcos e em nossos corações.



VILA DO ARTESÃO PROMOVE NOSSA CULTURA O ANO INTEIRO

Lara Santos
Mariana Miranda
Maria Paula Alves

A Vila do Artesão, em Campina Grande, na Paraíba, é um importante centro de artesanato e cultura local. Fundada em 22 de dezembro de 2010, pela Prefeitura Municipal, o espaço tinha como objetivo se tornar um centro de manifestações artísticas e culturais nordestinas, através do artesanato produzido pelos artesãos da cidade que até então distribuía seus produtos sem local fixo para venda. Onde havia, antigamente, um terreno de sisal, hoje é composto por ruas que levam nomes de santos, cerca de 77 chalés e 200 artesãos. A Vila é uma grande vitrine da arte local, onde se pode encontrar produtos como rendas, bordados, couro, tecido e esculturas em madeira, e arte em cada parte.

Além de ser um ponto de venda, o local também possui uma praça de alimentação, escola de dança, uma cidade cenográfica e um auditório com capacidade para 100 pessoas, onde acontecem alguns eventos culturais, que além de promover a valorização das tradições locais, ainda atraindo olhares para a Vila. Na época junina, por exemplo, são realizados shows de diversos cantores, principalmente locais. Já se apresentaram Capilé, Trio



Entrada da Vila do Artesão encanta pelas cores e representatividade. Foto: Maria Paula Alves

Raí Bezerra, Forró Universitário, Os Três do Nordeste e Forró do Grau, além de tantos outros artistas.

A Vila é mais do que um comércio. É a garantia da continuidade das tradições que tornam a cultura nordestina única e mágica, além de proporcionar uma fonte de renda sustentável para muitas famílias, a exemplo da artesã Joseane Melo que vende bonecas de pano produzidas manualmente e integra a Vila há 13 anos. Para ela, a experiência é fantástica e entusiasmante: “a gente fica super empolgado, principalmente na época do São João (onde há mais turistas na cidade e visitas à Vila)”, comentou a artesã.



Equipe de estudantes da Escola
Álvaro Gaudêncio com vendedora da
Vila. Foto: Solange Araújo



A Vila do Artesão representa, também, a história de Campina Grande. Foto: Maria Paula Alves



Equipe de estudantes da Escola Álvaro Gaudêncio com vendedor da Vila. Foto: Maria Paula Alves

O artesão Flávio Motta produz manualmente seus artesanatos em madeira e vende na Vila do Artesão. Ele diz que “é fantástico, porque além de fazer algo que gosto, ainda ganho dinheiro com o que produzo”. No entanto, o que dificulta é a falta de público constante. Já Vanessa Araújo, que trabalha com cordéis, diz que a experiência de vender artesanato na Vila é um trabalho um pouco difícil: “a experiência de vender artesanato é um tanto quanto complicada. Depois do período junino as vendas deram uma caída, mas aí temos o suporte do online, para assegurar o resto do ano”.

Desde sua criação, há 14 anos, a Vila passou por diversas melhorias. Delas, podemos destacar a reforma da sua entrada, a criação da Capela São José e o Pavilhão do Forró, que agregaram - ainda mais - valor cultural para o espaço. Apesar das suas melhorias, da sua importância e do suporte que oferece

Chalés da Vila do Artesão. Foto: Mariana Miranda



aos artesãos da região, o local enfrenta o desafio de ter pouca divulgação fora da cidade, o que limita sua capacidade de atrair um público maior e aumentar o reconhecimento do trabalho artesanal em uma escala mais ampla.

Em uma entrevista feita no dia 11 de julho de 2024, todos os artesãos entrevistados levantaram o tópico da falta de divulgação fora da época junina. Segundo eles, embora o período de festas no mês de junho traga um aumento significativo no fluxo de visitantes, o restante do ano é marcado por uma diminuição drástica no número de turistas. Isso afeta diretamente as vendas e a sustentabilidade dos negócios locais, que dependem fortemente da presença constante de compradores.

Segundo o coordenador da Vila, Tomires Soares, a queda de vendas após o período junino se deve à falta de conhecimento sobre o local. “No São João é onde cresce as vendas, cresce o fluxo das visitas! E depois desse período cai, porque ainda tem gente em Campina Grande que não conhece a vila, você acredita?”, comentou.

Os artesãos sugerem que é necessário que campanhas publicitárias promovam a Vila do Artesão como um destino turístico permanente, para que se desfaça a ideia de que o espaço só fica aberto para o São João. Pelo contrário, a Vila representa o São João e as demais manifestações artísticas e culturais regionais durante todo o ano. Os artesãos também destacaram a importância de uma maior presença nas redes sociais e em plataformas digitais, para que o artesanato local ganhe mais visibilidade em âmbito nacional e internacional e, assim, seja valorizado não só no mês de junho.



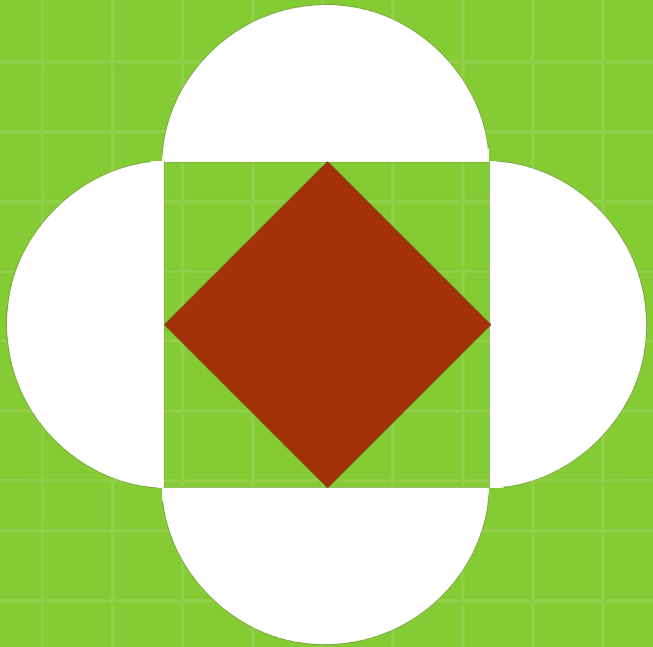
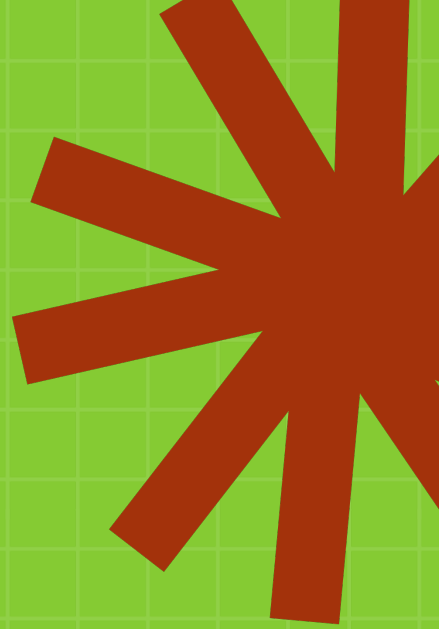
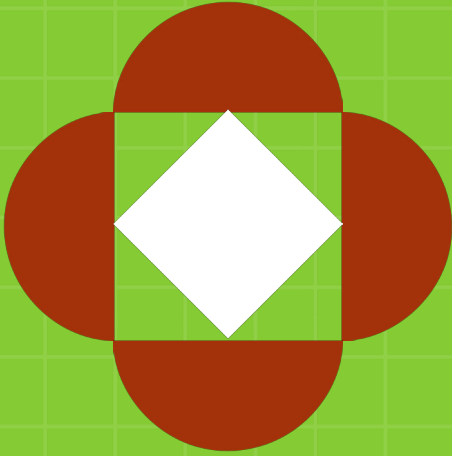
Artigos de decoração e sandálias de couro são alguns dos produtos em venda na Vila. Fotos: Maria Paula Alves





Equipe de estudantes da Escola Álvaro Gaudêncio com integrantes da Vila do Artesão. Fotos: Solange Araújo e Maria Paula Alves





UMA FEIRA ESPECIAL PARA CAMPINA GRANDE

Kaio Lopes
Vinícius Rodrigues
Wesley Lima

A Feira das Malvinas, em Campina Grande, acontece todos os dias, apesar de a maior movimentação ocorrer nos finais de semana, quando pessoas de outras cidades, como Lagoa Seca, chegam para vender seus produtos como fonte de renda. Assim, a feira é um espaço de acolhimento e garantia de sustento para muitas famílias.

A feira contribui para a economia local e garante ocupação para pessoas como Rosimere Almeida Barbosa, que trabalha no jardim da feirinha há 4 anos. Formada em Direito, ela e o marido decidiram, pós-pandemia, trabalhar com o que gostam: mexer com terra. Hoje, vendem plantas e jarros feitos de argila. Um dos benefícios que Rosimere destaca sobre trabalhar na feira é a proximidade e o contato frequente com os clientes: “As pessoas são muito amigas, se unem e se reúnem aqui às vezes para tomar café”, conta a feirante.

A feira tem uma estrutura com um bom estacionamento, com horários que ajudam vendedores e compradores (sendo a única feira com horário de fechamento às 17h, exceto nas segun-

das-feiras) e boa segurança local. Antônio de Souza também tira seu sustento como feirante, vendendo frutas e verduras há 15 anos na Feirinha das Malvinas. Ele, que começou ajudando o pai, hoje é responsável pela banca da família.

“A gente depende daqui. Vender em outro lugar não teria o mesmo retorno, porque as pessoas conhecem a feira e confiam na qualidade dos produtos”, comenta Antônio, enquanto arruma os tomates frescos na banca. Para ele, um dos maiores desafios é lidar com o clima imprevisível: “quando chove, muita gente deixa de vir e a gente perde venda”, compartilha.

Equipe de estudantes da Escola Álvaro Gaudêncio realizando entrevista com feirante. Foto: Kaio Lopes



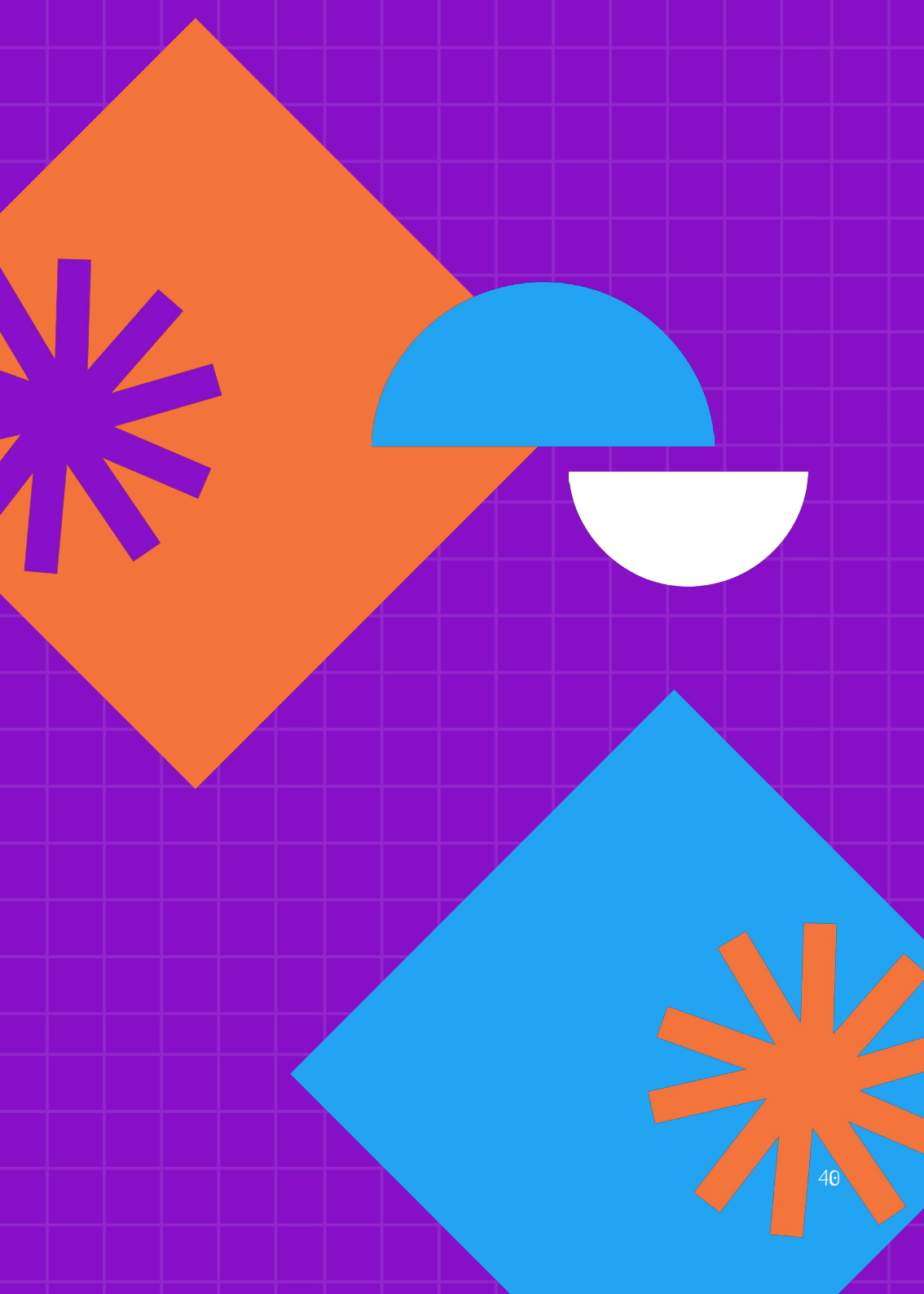
Ana Maria Oliveira, cliente que sempre frequenta a feirinha, fala que o local é mais que apenas um lugar de compras: “Venho aqui há anos. A feira é o coração da comunidade. Além de comprar tudo fresquinho e barato, a gente acaba criando um laço com os vendedores. É mais do que uma simples compra, é um encontro semanal”.

Mesmo com alguns desafios que precisam ser resolvidos, como na infraestrutura, a Feirinha das Malvinas continua sendo um dos movimentos mais importantes de Campina Grande. Ela dá oportunidade para os feirantes 'ganharem uma grana' e para os clientes terem um espaço para comprar produtos diversificados e de qualidade. A convivência entre feirantes e clientes, com conversas e confiança mútua, parece ser o que faz a feirinha ser tão especial para a cidade.

Os vasos de barro são produtos vendidos na Feira das Malvinas. Foto: Daniel Alexandre







ARTE E RESISTÊNCIA

*Amélia Dominik
Bárbara Matos
Maria Clara Rodrigues*

O teatro é uma maneira de expressar sentimentos por meio da arte, baseando-se em histórias que despertam emoções e reflexões nos espectadores. Como fenômeno cultural, o teatro manifesta a diversidade cultural e serve como um espaço para a quebra de barreiras e a construção de pontes. Ele combina elementos como diálogo, movimento e gestos para criar experiências narrativas ou dramáticas. As apresentações variam em estilo, abrangendo desde tragédias e comédias até musicais. Além de entreter, o teatro frequentemente reflete questões sociais e políticas, como exemplificado nas obras do aclamado Ariano Suassuna, que escreveu peças inesquecíveis.

Para que os espetáculos aconteçam, são necessários três elementos constitutivos do teatro: atores, espectadores e personagens. Em Campina Grande, na Paraíba, existem alguns espaços voltados para essa manifestação artística, como o Teatro Municipal Severino Cabral. Este é um dos mais conhecidos da cidade e um ícone cultural, palco de diversos eventos e palestras. Inaugurado em 1963 pelo engenheiro Geraldino Duda, seu formato característico, semelhante a um apito, simboliza a cultura do sopro do alto da Serra da Borborema.

O Severino Cabral oferece diversos benefícios à população campinense, como a entrada gratuita para vários espetáculos, tornando a arte acessível a todos os públicos. O teatro viabilizou eventos culturais importantes, como "A Era do Swing", "17º Festival Comunicurtas", "Uma Rítmica Volta ao Mundo" e "Bailando Sivaca".

Além do Severino Cabral, Campina Grande também possui espaços alternativos e grupos teatrais significativos, como o grupo de teatro "Bigorna" e a "Cia Oxente de Teatro", que promovem a produção de espetáculos com temáticas regionais e contemporâneas.

A cidade também realiza eventos importantes, como o Festival de Teatro de Campina Grande (FESTE), que atrai companhias de várias regiões do Brasil e é um dos mais importantes festivais de teatro do Nordeste. Grupos como o Grupo de Teatro Roda Viva e o Grupo de Teatro Viravoltar têm uma presença significativa, trazendo produções autorais e adaptadas de grandes clássicos.

Campina Grande se destaca por misturar o teatro tradicional com o teatro popular, explorando temáticas regionais e universais. A cidade também conta com uma forte tradição de teatro educativo e participativo, envolvendo escolas e comunidades locais.

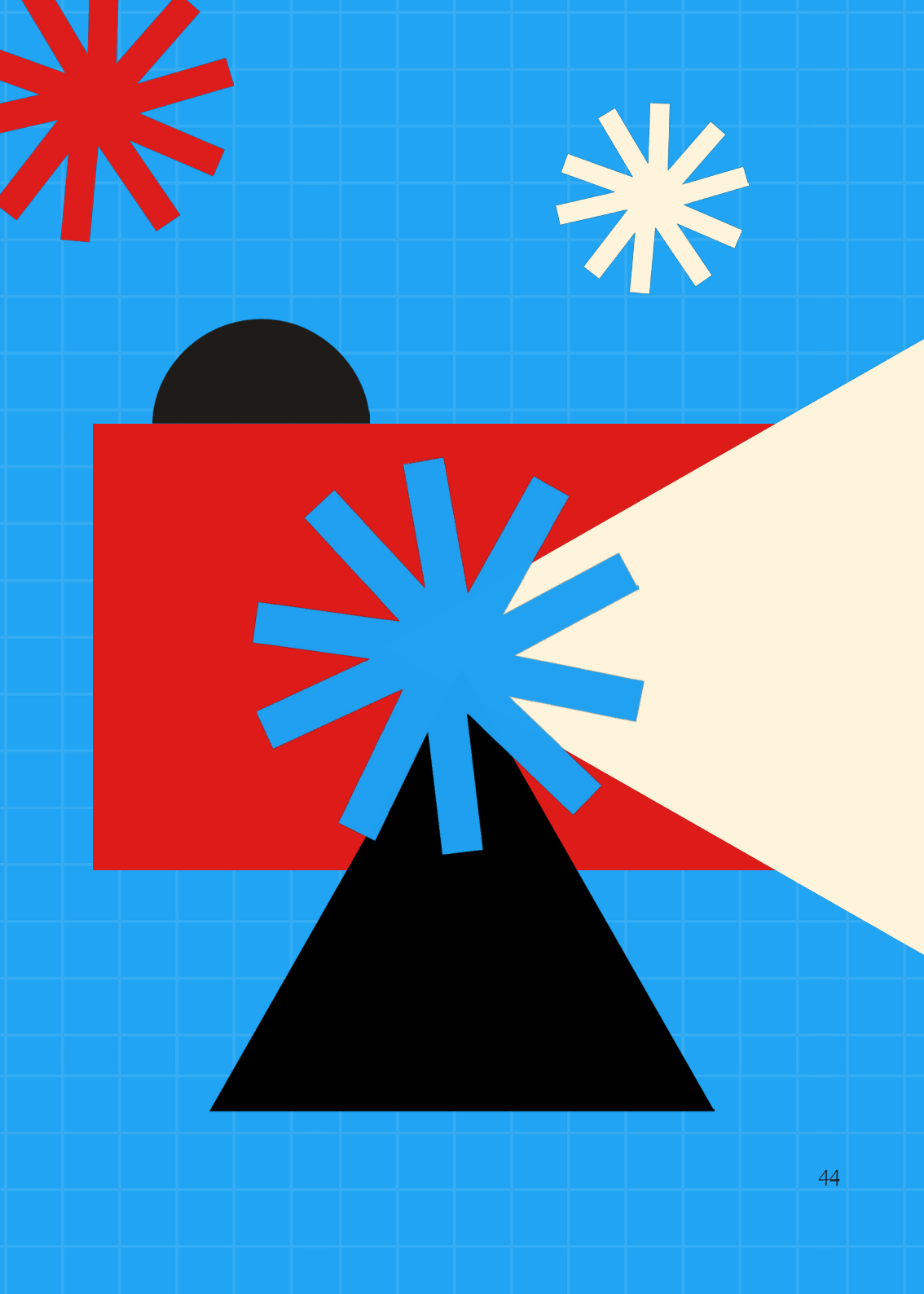
Viver da arte no teatro é uma questão de persistência e resistência. Segundo o artista Jhonatan Almeida, da Companhia Café com Pão: "lidar com os desafios vai estar presente em tudo que

nós fazemos". O ator relatou, também, que muitas das vezes a arte é a única fonte de renda de várias pessoas que trabalham no meio.

A importância do teatro na sociedade é inegável, pois traz à tona diversas questões sociais. No entanto, muitas pessoas ignoram-o, especialmente quando os temas não as favorecem. Além disso, o acesso ao teatro é limitado para muitos devido a questões financeiras, o que reduz a diversidade do público e das experiências.

As produções teatrais geralmente são mais favorecidas nos centros urbanos, enquanto comunidades marginalizadas enfrentam barreiras. Os altos preços dos ingressos afastam o público e, conseqüentemente, muitas companhias de teatro enfrentam dificuldades financeiras, afetando sua continuidade e produção. Este é um problema significativo que se reflete na própria sociedade. Em Campina Grande, embora haja um rico cenário cultural, existem desafios para que o teatro se destaque. Durante eventos populares, como o Maior São João do Mundo, as produções teatrais frequentemente recebem menos atenção do que merecem, embora exista a oportunidade de levar o teatro a comunidades e escolas.

Para que possamos superar os desafios enfrentados em nossa Campina Grande, precisamos de maior investimento nas iniciativas que promovam a inclusão e o acesso ao teatro para todos, sabendo que o teatro exerce um papel crucial na formação da nossa sociedade, refletindo emoções e questões sociais que muitas vezes são ignoradas.



O LEGADO DO CINEMA DE BAIRRO

Emilly Diniz
Flavia Amanda
Hélton Vinícius

Infelizmente o cinema não é acessível para todos na cidade de Campina Grande, localizada no agreste do Estado da Paraíba. A cidade, apesar de ter sido incluída na rede de Cidades Criativas da Unesco, em 2021, na categoria de artes midiáticas, o Cinesercla, inserido no Shopping Partage, é o único cinema comercial na cidade. Embora exista o Cineteatro São José, mais espaços deveriam ser destinados à cultura do audiovisual. Por esta ausência, diversos projetos foram criados para tentar democratizar o cinema na cidade, a exemplo do Comunicurtas, o Festival Muído de Cinema e o Cinema de Bairro.

Este último foi idealizado pelo professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, Rômulo Azevedo, em maio de 2018, a partir do Cineclubes Machado Bittencourt. O projeto de extensão do curso de Jornalismo, da UEPB, visa “levar o cinema para a rua”, normalmente tendo suas atividades direcionadas a bairros menos favorecidos da região, dando a oportunidade para que crianças, jovens e adultos conhecessem outros locais, tivessem outras visões de mundo e encontrassem diversão e lazer na cultura. Além das exibições de filmes, o projeto ofertava, também, oficinas relacionadas ao

mundo audiovisual, como produção, cinegrafia e roteiro, fazendo com que o contato com o cinema fosse ainda mais profundo - pois, os beneficiados não só conheciam grandes produções, mas também produziam seus próprios filmes - e organizava debates sobre todo o conteúdo assistido, incentivando o senso crítico e a expressão de opinião.

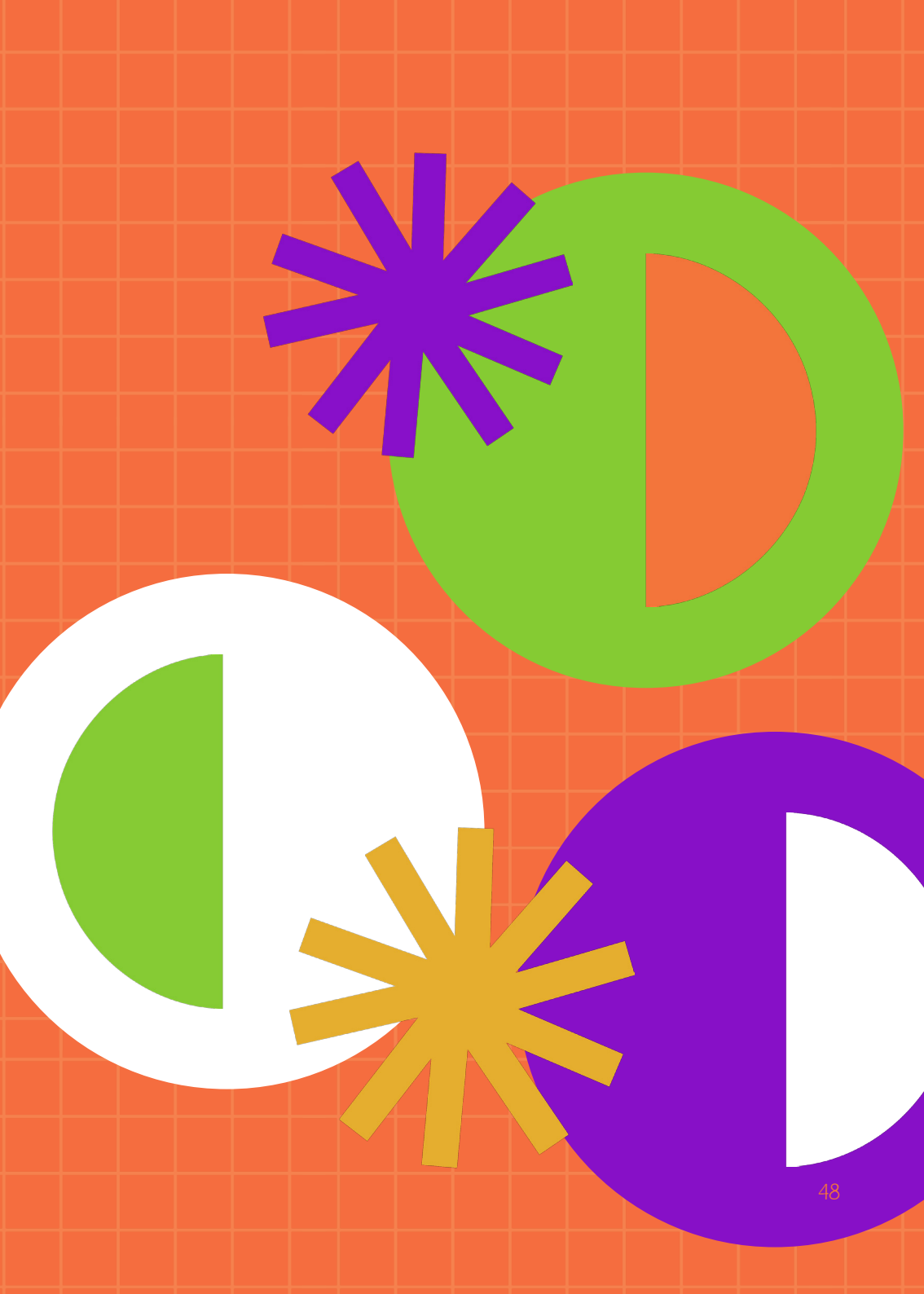
A ideia era, de forma geral, estimular a criatividade e o aprendizado, democratizando o acesso ao cinema. Nos locais indicados, o projeto estimulava a criatividade e os debates entre as comunidades campinenses. As sessões eram compostas por um catálogo de curtas-metragens com temáticas variadas e todas muito importantes, contendo títulos como “Acho Bonito quem veste”, de Marcelo Coutinho, “Pronome Definido”, de Giovanna Azevêdo e “Quando eu crescer”, de Emanuel Dias.

O Cinema de Bairro não possuía apoio financeiro, se tratando de um projeto de extensão universitário. Logo, era realizado com recursos próprios e aqueles disponibilizados pelas associações onde apresentavam os filmes, as SABs (Sociedade Amigos do Bairro) e Clubes de Mães. As exposições eram feitas com uma tela, projetores, notebook, caixas de som e cabos de conexão. Ainda assim, possuía uma forte presença na comunidade campinense, realizando sessões, segundo o blog do projeto, mensalmente.

Segundo a ex-bolsista do projeto, a estudante do curso de Jornalismo da UEPB, Tamires Santos, a equipe sempre foi muito bem recebida pelas comunidades. “O pessoal chegava a nos procurar, perguntar se não teria mais sessões. Era muito legal

porque a comunidade podia participar ativamente do projeto: além de assistir a filmes, eles podiam participar de oficinas e produzir". A empolgação daqueles que eram beneficiados pelo Cinema de Bairro, relatada por Tamires, demonstra o quanto projetos como este são necessários. Afinal, são a partir deles que muitas crianças, jovens e adultos têm seu primeiro contato com o audiovisual e, conseqüentemente, com outras visões de mundo, culturas e conhecimentos distintos.

Apesar da importância e do impacto que sugeria, pelo que propunha, o projeto teve sua última edição no início de 2024, encerrando suas atividades com uma sessão do curta-metragem "Sweet Karolynne", na Biblioteca Municipal.



O MUSEU QUE CONQUISTA MENTES E CORAÇÕES

*Raquel Santos
Hiorrany Barbosa
Maria Eduarda Gomes
Pedro Nóbrega*

O museu é considerado uma conexão entre passado, presente e futuro. Porém, o mais importante deste espaço, segundo o professor José Pereira, diretor do Museu de Arte Popular da Paraíba, “é o presente, sua representatividade atual, como ele utiliza o que tem de acervo e como isso dialoga com o tempo”. Localizado em Campina Grande, o Museu dos Três Pandeiros é uma das maiores joias culturais e arquitetônicas da Paraíba. Inaugurado em 2012, o museu, oficialmente denominado como Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP), é um dos cartões-postais mais importantes da cidade, uma prova de que os museus dialogam com o presente, como indica o diretor da instituição.

O espaço foi projetado por Oscar Niemeyer, um dos maiores arquitetos da história brasileira. Antes do seu falecimento, em 2012, lançou sua última obra, o Museu dos Três Pandeiros, um marco não só para Campina Grande, mas também para toda a arquitetura brasileira. Mas, além do prédio, as ações realizadas pelo museu também causam orgulho. “Nosso museu hoje está

no cenário nacional em função do que vem fazendo e realizando, a exemplo do ano passado, quando a exposição do Armorial 50 anos colocou nosso museu dentro do circuito nacional de museus. Então, ele é importante para a cidade, para o Estado e para o cenário nacional”, explica José Pereira. O professor afirma, também, que o MAPP está ligado ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

As três edificações circulares que compõem o museu, inspiradas nos pandeiros, representam a essência da música e da cultura nordestina, sendo uma homenagem aos sons e ritmos que definem a região. O museu é dividido em três espaços principais: a Sala dos Pandeiros, dedicada à celebração da música e dança nordestina, expondo não apenas instrumentos musicais, como o pandeiro, triângulo e sanfona, mas também convidando os visitantes a experimentarem a energia do forró, xaxado e baião através de instalações interativas com vídeos e áudios; a Sala de Arte Popular, uma homenagem às habilidades artesanais dos mestres nordestinos, com foco em tradições como a cerâmica, o bordado, a renda e a xilogravura, exibindo peças que são verdadeiras obras de arte, cada uma com histórias e significados, refletindo a vida e as paisagens do sertão; a Sala de Exposições Temporárias, que é um espaço mais dinâmico e em constante renovação, onde são realizadas mostras itinerantes e eventos especiais que ampliam o diálogo entre a cultura nordestina e outras manifestações artísticas nacionais e internacionais. Este ambiente também oferece oportunidades para novos artistas e artesãos exibirem seu trabalho, tornando o museu um lugar de inovação e troca cultural.

A arquitetura do Museu de Arte Popular da Paraíba é um diferencial do espaço. Foto: Gabryele Martins



Além de ser um espaço de exposições, o museu se destaca por ser um centro de convivências e aprendizados, organizando oficinas, palestras, apresentações musicais e outros eventos que atraem tanto a comunidade local quanto visitantes de fora ao longo do ano, como: o Palco do Choro (na última sexta-feira do mês), Quintal do Samba (na primeira sexta-feira do mês), Cordel do Museu e Mulheres da Leitura. Essas atividades educacionais enriquecem a experiência do visitante, e fortalecem o papel do museu como um ponto de encontro para o intercâmbio de conhecimentos e culturas.

O impacto do Museu dos Três Pandeiros em Campina Grande vai além da preservação cultural. Ele tem uma grande relevância para o turismo local, atraindo visitantes de todo o Brasil e do exterior, o que contribui significativamente para a economia da cidade. Ao ajudar a posicionar Campina Grande como um centro cultural relevante, o museu também promove o orgulho local e a valorização das tradições nordestinas.

Segundo o diretor do museu, o MAPP sofre uma crise de reconhecimento, pela própria população campinense e pela falta de informação da gratuidade da entrada. Entretanto, estes problemas estão, pouco a pouco, sendo solucionados a partir de divulgação e pelos eventos que são organizados no espaço. “Se formos verificar com calma os nossos livros de visita, vamos ver que têm muitas pessoas de outras regiões que visitam nosso museu. Mas nos últimos anos temos registrado, também, um aumento no número de campinenses e paraibanos visitando. Muito em função dessa abertura, desse conjunto de atividades que o museu tem realizado e que tem feito que nossa região tenha maior interesse”, comentou José Pereira.

Mais do que um espaço de exposição, o museu é um centro vivo de celebração e educação que convida todos a explorar, aprender e apreciar as tradições que fazem da Paraíba e do Nordeste um dos mais ricos espaços culturais do Brasil. Para quem visita Campina Grande, o Museu dos Três Pandeiros oferece uma experiência envolvente e inesquecível, que toca tanto o coração quanto a mente dos visitantes.

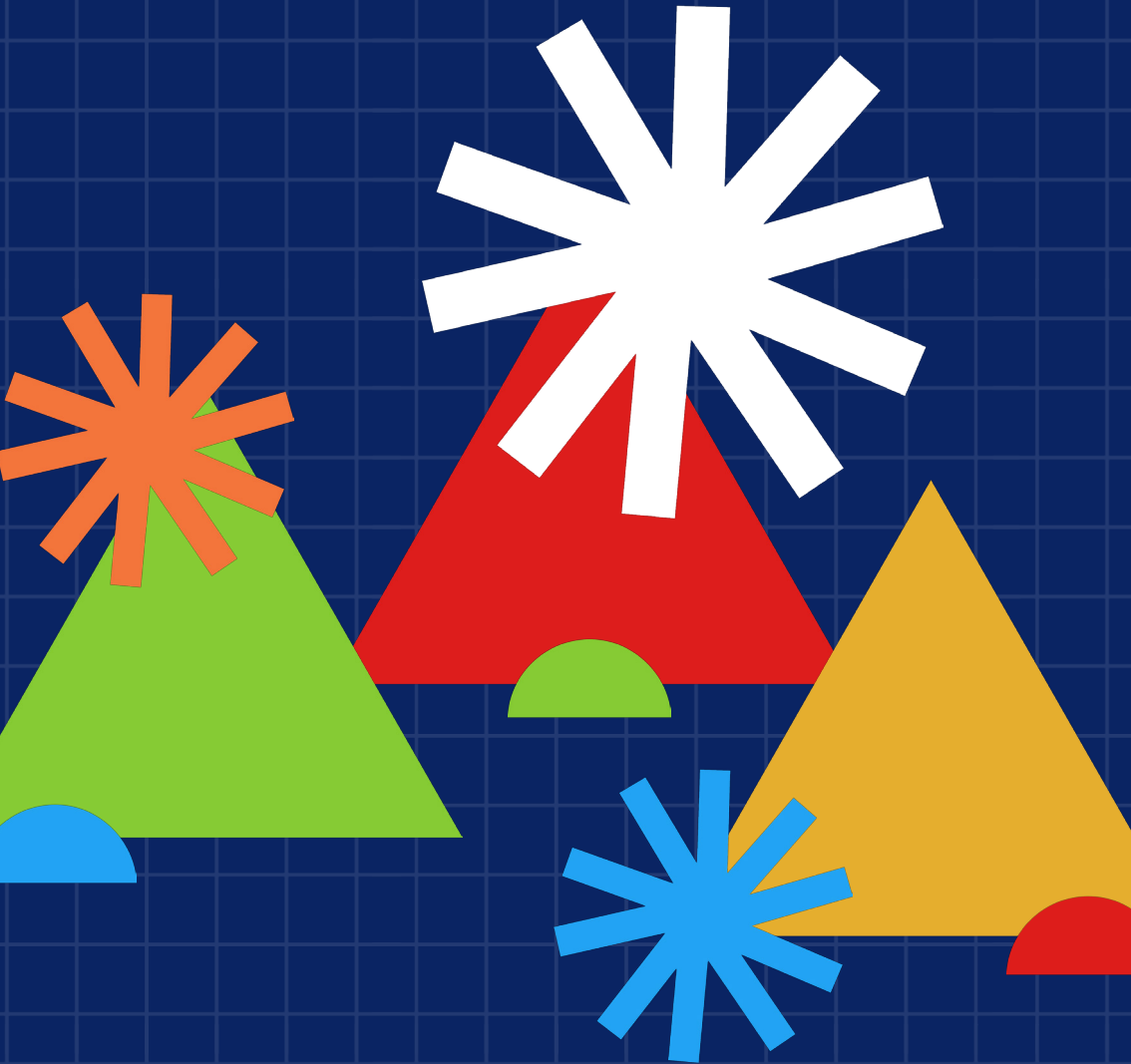


Museu de Arte Popular da Paraíba. Foto: Gabryele Martins



Museu de Arte Popular da Paraíba às margens do Açude Velho.
Foto: Gabryele Martins





GRUPO DE DANÇA CAETÉS É GUARDIÃO DA NOSSA CULTURA

Renan Silva
José Guilherme de Souza
Rafael Silva Farias

Em 1991, quando os professores Rosilene e Fláuber Gorgônio, ex-integrantes do grupo cultural Tropeiros de Borborema, fundaram o grupo de dança Caetés, não imaginavam os rumos que o projeto tomaria. Elaborado para animar uma festa de conclusão de curso do Colégio 11 de Outubro, o projeto era formado por um conjunto de jovens estudantes que descobriram no Caetés uma oportunidade para conhecer e praticar as danças da cultura popular brasileira. Aos poucos, o grupo foi sendo convidado para participar de eventos fora da escola, surgindo a necessidade de se tornar algo independente e atravessar os muros da instituição.

Já no primeiro ano de atuação, o Caetés começou a praticar a dança de salão, com o objetivo de atrair a atenção dos jovens, também, para o mundo das danças folclóricas. Isto, devido à falta de aproximação dos jovens com os estilos de dança regionais, sendo um problema recorrente no grupo. Desde o início, as danças são construídas com a participação de toda a equipe. O mesmo acontece para os figurinos e acessórios, onde

o grupo se reúne e sugere como poderia prosseguir com o trabalho, demonstrando união e igualdade, que com certeza ajudou o grupo a caminhar para algo maior.

Atualmente, o grupo artístico possui exatamente 20 membros ativos e muitas cidades percorridas com a dança, motivo de orgulho para Campina Grande e um símbolo de tradição e força para a cidade. Com diversos estilos de danças, sendo a maioria inspirados em manifestações populares, como cangaço, ciranda e coco de roda, o grupo possui até três coreografias disponíveis, que são representações de trabalhadores: Lavadeira, Pescador e Vaqueiro. O conjunto também apresenta o maracatu, inspirados nas nações de maracatu nação, e os caboclinhos, dança que representa os grupos de caboclinhos, presentes no litoral do Nordeste.

A razão dos estilos musicais interpretados pelo grupo serem, inteiramente, representações de manifestações culturais nordestinas é enaltecer a beleza daquilo que é nosso. Para a dançarina e integrante do grupo, Vanessa Alcaniz, “um dos objetivos do grupo é ensinar ao seu público, sendo ele qual for, valorizar a cultura popular, valorizar também suas raízes, principalmente quando debatemos sobre o nosso querido Nordeste”, comentou.

Portanto, cada dança e música se manifesta de uma forma distinta e especial, conseguindo unir as pessoas através da arte, impactando e aproximando não só aqueles que fazem parte da cultura, mas também pessoas de outras regiões. “[...] Temos um trabalho muito legal e bonito, e fazemos tudo com muito

amor, e tenho certeza de que por onde passamos, inspiramos pelo menos algumas pessoas a conhecer um pouco mais da cultura popular”, comentou Vanessa.

Ser artista no Brasil não é fácil. Mas, um dos motivos que faz o grupo permanecer na arte é o amor pela dança, além de o projeto ter se tornado uma família para os integrantes. “Temos pessoas que estão no grupo há mais de 15 anos! Então continuamos porque é uma junção: o amor pelo que fazemos e o que representamos, com o amor uns pelos outros, pela família Caetés”, explicou a dançarina.

Apesar disto, o projeto precisa de outras forças além do amor, apesar desta ser a mais necessária e eficaz. Desde o seu início, a falta de apoio e investimento financeiro prejudica a realização das atividades, devido aos figurinos, acessórios, alimentos, entre outros. As parcerias que o grupo possui com a Unifacisa e o CEAI Dr. João Pereira de Assis são essenciais para que o projeto consiga locais para ensaiar, mas não possuem apoio financeiro direto, além do que ganham do cachê de apresentações e editais culturais que conseguem.

De acordo com Vanessa: “nós amamos o que fazemos, mas precisamos de um aporte financeiro para manter o grupo, para figurino, o transporte dos dançarinos e pelo trabalho em si de criar coreografias, ensaiar e apresentar”.

Até o momento da entrevista realizada com Vanessa, em julho de 2024, o foco principal do grupo estava sendo seu novo projeto, “Paraibuco - O sonho do mundo afora”, realizado em

três escolas públicas de Campina Grande, oferecendo uma experiência de imersão cultural dos Estados da Paraíba e de Pernambuco única e de forma gratuita para os estudantes. Possível através do edital Paulo Gustavo aprovado em 2023, o espetáculo que une dança e teatro conta a história de Pipita, um menino do Sertão da Paraíba que sonha em ser vaqueiro e viajar até o mar.

O grupo Caetés é um símbolo importante para a cidade de Campina Grande e de comprometimento com a promoção de manifestações culturais e artísticas, formado por pessoas que reconhecem aquilo que mais importa - o que é nosso. E que, assim, ensina muitos outros a valorizarem também a nossa cultura.

POSFÁCIO

Estudantes do Ensino Médio ensinam a combater o News Avoidance

Antonio Simões

(Coordenador do Projeto Anti-horário)

Acredito que você gostou deste livro. As narrativas aqui reunidas dialogam com o desejo da maior parte dos brasileiros: consumir conteúdos inspiradores ou divertidos. A descoberta foi publicada no Digital News Report 2024, um dos mais prestigiados estudos sobre o Jornalismo mundial, produzido pelo Reuters Institute, da Universidade de Oxford.

Dessa forma, os textos dos autores e autoras ajudam a combater o chamado “news avoidance”. O que é isso? É a decisão, cada vez mais comum, que milhões de pessoas tomam de deixar de acompanhar o noticiário, independente das plataformas onde é distribuído. No Brasil, conforme o Digital News Report



2024, quase a metade dos entrevistados (47%) evita as notícias. Número superior à média global de 36%.

Muito provavelmente alguém da sua família ou um amigo seu já falou que deixou de acessar as notícias. Uma das principais motivações de tal escolha é o excesso de relatos negativos, como assassinatos, catástrofes naturais, guerras, acidentes, entre outros. Esse processo de evitar as narrativas jornalísticas é um problema grave. Ele abala o Jornalismo e prejudica o desenvolvimento social.

Afinal, se as pessoas deixam de se informar por meio desses relatos, as empresas e demais organizações, que produzem esse conteúdo, enfrentam dificuldades na sua sustentabilidade e/ou lucratividade. Enquanto isso, a sociedade em geral fica prejudicada, pois os cidadãos tendem a não conseguir tomar decisões acertadas, por exemplo, no momento de eleger quem deve representá-los no Executivo (Presidente, Governador e Prefeito) e Legislativo (Senadores, Deputados e Vereadores).

Portanto, as histórias escritas por esses adolescentes exercem um papel importante para demonstrar quão oportunas são as narrativas jornalísticas capazes de inspirar o público. Neste caso, podem gerar insights na audiência para ajudar a fortalecer as manifestações culturais desenvolvidas na cidade de Campina Grande.

Os textos também materializam a dedicação, o talento e os sonhos desses estudantes. Acredito que só eles sabem como foi desafiador sair da zona de conforto e topiar o desafio de elabo-



rar um livro de reportagens. Certamente, não foi fácil aprender noções básicas de técnicas jornalísticas, criar pautas, ir a campo, fazer apurações, vencer a timidez e entrevistar as fontes, até chegar o momento, não menos instigante, de escrever a reportagem.

O caminho foi facilitado pela dedicação da professora Solange Araújo. Ela acreditou na proposta do Repórter Literário, dedicou o tempo de suas aulas para a concepção desta obra, foi a campo com os estudantes, fez a revisão dos textos, além de tantas outras intervenções providenciais que nem vou citar aqui.

Os repórteres estudantis da escola Álvaro Gaudêncio também tinham o apoio dos universitários integrantes do projeto de extensão Anti-horário, do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Estes ministraram as oficinas de capacitação e acompanharam todo o processo de produção, apuração e edição deste livro.

A obra, contudo, não teria sido sequer planejada sem o olhar visionário da Feira Literária Internacional de Campina Grande (FLIC), que criou o projeto Repórter Literário, o qual vem contribuindo, há anos, para a disseminação da educação midiática em Campina Grande.

Enfim, este é o resultado primoroso de um trabalho coletivo que conseguiu impactar positivamente a formação dos autores e, simultaneamente, deve enriquecer os conhecimentos culturais dos leitores.





ISBN 978-65-87171-61-6



9 786587 171616

 eduepb